



Com baixos percentuais de intenção de voto, deputado abre mão da corrida presidencial. Mas partido pode manter candidatura ao Planalto, e cotados são o ex-ministro Luiz Henrique Mandetta e a senadora Soraya Thronicke

Bivar abandona, mas União não vai de Lula

» VICTOR CORREIA

Pablo Valadares/Agência Câmara

O presidente nacional do União Brasil, deputado Luciano Bivar (PE), anunciou ontem a desistência de concorrer à Presidência da República. Ele já havia sinalizado a decisão a correligionários na última sexta-feira e a oficialização era esperada para a convenção estadual do partido, em Recife. Isso, porém, não quer dizer que o partido fechará algum acordo em favor da campanha do presidenciável Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que estaria por trás da desistência de Bivar e tem interesse em um acerto. Há setores do partido que mantêm estreita ligação com o presidente Jair Bolsonaro (PL) e não aceitam a aproximação com os petistas.

O presidente do União confirmou que concorrerá à reeleição para a Câmara dos Deputados. Para substituí-lo na disputa presidencial, cogitam-se dois nomes: o do ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta e o da senadora Soraya Thronicke (MS), para a qual, aliás, Bivar fez um aceno durante o anúncio da desistência.

“Resolvi voltar e continuar na Câmara, com a ajuda de vocês, para que a gente possa continuar presidindo o partido com a força de todos que compõem o União Brasil. Quero parabenizar o meu Senado, na pessoa da senadora Soraya, que, em breve, estará em Pernambuco apresentando alternativa ao nosso país”, afirmou. Ele anunciou, também, que a legenda pode formar uma aliança nacional, ainda no primeiro turno, com o Podemos — cujos integrantes estavam presentes à convenção do União.

Bivar está em Pernambuco desde a sexta-feira passada e passou as últimas horas discutindo a decisão que tomou com a cúpula local do União — alguns dos integrantes ficaram contrariados com a desistência, pois a chapa para o Palácio das Princesas estava ajustada. A convenção, aliás, lançou o ex-prefeito de Petrolina, Miguel Coelho, ao governo do estado. À Câmara, foram anunciados o ex-deputado federal Mendonça Filho e o deputado Fernando Coelho Filho, além de



Desistência de Bivar teria dedo de Lula, que age nos bastidores para ter o partido no seu arco de alianças. Mas a resistência no União é grande

Bivar — o que obriga o partido a rever a estratégia para conseguir eleger os três.

Saída esperada

A decisão de desistir da corrida presidencial foi adiada por uma mensagem via WhatsApp remetida por Bivar, no sábado, para figuras do partido com as quais têm mais proximidade. Nela, ele confirmava a decisão e marcava o anúncio oficial para a convenção de ontem.

Segundo Mendonça Filho, ex-ministro da Educação e vice-presidente do União, “com a desistência de Bivar, e sua candidatura a deputado por Pernambuco,

caberá à executiva do partido encontrar uma saída. Temos que ver se passará por uma candidatura própria ou uma não candidatura. Vejo esses dois caminhos. E não vejo caminho com o PT”.

O presidente do União mantém conversas com a cúpula nacional petista sobre o apoio a Lula, que trabalha para ampliar o arco de alianças à sua candidatura. Nos bastidores, membros do PT reconhecem que há interesse em fechar um acerto com a legenda de Bivar, e por duas razões: o tempo de tevê da campanha daria um salto exponencial, aumentando a visibilidade do presidenciável e dos candidatos da coligação; e porque os

petistas têm interesse em fazer deputado um rival à altura de Arthur Lira (PP-AL) na disputa pelo comando da Câmara, a partir de 2023.

Bivar enfrentava dificuldades em consolidar a candidatura, lançada depois de o partido ter desistido das negociações com MDB, PSDB e Cidadania para compor uma chapa única da terceira via. Mas, mesmo à frente da legenda com a maior fatia do Fundo Eleitoral e tempo de rádio e tevê, seu nome não conseguia ultrapassar a marca de 1% nas pesquisas de intenção de voto. No mais recente Datafolha, divulgado na última quinta-feira, ele nem pontou.

Com a saída de Bivar, o partido discute se terá um nome para a corrida presidencial. Mandetta pretende disputar o Senado por Mato Grosso do Sul, embora tenha pela frente ninguém menos que a ex-ministra da Agricultura Tereza Cristina (PP) — isso poderia fazê-lo migrar para a disputa a uma cadeira de deputado federal. Já Soraya está no meio do mandato de senadora e seria lançada apenas para apresentar o União ao eleitor por conta do bom espaço o partido terá na propaganda eleitoral de rádio e tevê. Essa decisão precisa ser tomada até sexta-feira, quando se fecha a janela para as convenções nacionais.



Temos que ver se passará por uma candidatura própria ou uma não candidatura. Vejo esses dois caminhos. E não vejo caminho com o PT”

Mendonça Filho,
vice-presidente do
União Brasil

Análise da notícia

Gesto pela sobrevivência

» DENISE ROTHENBURG

A saída de Luciano Bivar da corrida presidencial é um gesto pela própria sobrevivência política. Esse movimento puro e simples de abrir mão da candidatura não faz “côcegas no cenário”.

A perspectiva de levar o União Brasil a fechar com ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva não passou de um sonho por parte dos petistas, pois há muita resistência interna. Integrantes do partido classificam essa possibilidade como uma “maldade”.

O União é resultado da fusão do PSL com o DEM, que encolheu ao longo dos governos do PT. O PSL, por sua vez, cresceu no rastro do presidente Jair Bolsonaro (PL) com o discurso anti-PT.

Por mais que a eleição de 2022 seja atípica, outras virão, e não é possível que o partido com o maior tempo de tevê e um fundo quase bilionário deixe de se apresentar ao eleitor. Aliás, esse era o objetivo da candidatura presidencial de Bivar.

Outros nomes são cogitados para empunhar a bandeira do União na disputa pelo Planalto. A senadora Soraya Thronicke (MS) nada tem a perder, pois conta com mais quatro anos de mandato. Mas há quem defenda alguém mais tradicional da política, como o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, para reforçar o discurso do partido e a manutenção do viés de centro-direita.

Se a ideia de lançar a candidatura prevalecer, e, a depender do escolhido, a saída de Bivar, que o PT via como uma ajuda a Lula, pode ser um baque nos planos de vitória petista no primeiro turno.

Marina Ramos/Câmara dos Deputados



Gesto de Lira será entendido pelos petistas como abertura de diálogo

PT “joga verde” para Lira

Com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva liderando todas as pesquisas de intenção de voto, o PT aproveitará a semana do primeiro esforço concentrado desse período eleitoral para ver se o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), “pisca” para a esquerda. A legenda insistirá em levar a voto alguns que lhe são caros, como, por exemplo, a prorrogação da Lei de Cotas por mais 10 anos.

A legislação que dá acesso a alunos de escolas públicas às universidades federais vence este ano e o PT colocou a prorrogação como prioridade absoluta. Se Lira colocar o tema em pauta, o partido fará rasgados agradecimentos, o que já é visto nos bastidores como uma espécie de aproximação entre o PP, hoje fechado com a reeleição do presidente Jair Bolsonaro (PL), e os petistas.

Lula passou a modular o discurso sobre Lira quando percebeu que precisará dele mais à frente, caso seja eleito. Em maio, chamou o presidente da Câmara de “imperialista”, mas, há alguns dias, avisou que, caso seja eleito, não se envolverá na escolha do novo comandante da Casa, que será definido em fevereiro de 2023.

O PP de Lira, obviamente, não acreditou que terá o apoio do PT, mas alguns viram ali a oportunidade de tentar manter uma boa convivência no período eleitoral e no final desta Legislatura, além de abrir, também, uma trilha para o diálogo entre os dois partidos. O primeiro teste desse novo discurso de Lula será nesta semana de esforço concentrado, no qual temas a serem votados não faltam.

Os parlamentares terão que avaliar sete medidas provisórias, sendo que três delas perdem a validade em 7 de agosto — inclusive

a que estabelece regime diferenciado de trabalho em caso de calamidade pública. Além disso, há 17 pedidos de urgência, 16 projetos de lei e decretos legislativos.

Para as sessões do Congresso, estão pendentes de análise 13 vetos. Com tanto serviço à espera, a expectativa é de uma grande presença dos deputados em Brasília até a manhã de quinta-feira, apesar de o prazo de convenções para oficialização de candidaturas terminar na sexta-feira.

Os políticos estão atentos, ainda, à sessão do Supremo Tribunal Federal (STF) desta quarta-feira, quando estará em análise a retroatividade da nova Lei de Improbidade — **leia mais na página 3** —, que estabelece que caso não se comprove o dolo, o administrador público não pode ser responsabilizado. Muitos estão de olho nesse julgamento para definir o próprio futuro. (DR)